

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA E A POÉTICA DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

THE REPRESENTATION OF WOMEN IN LITERATURE AND THE POETICS OF CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

Nághila Cristina Amada da Silva¹Agnaldo Rodrigues da Silva²**Recebimento do Texto:** 15/09/2021**Data de Aceite:** 10/10/2021

RESUMO: Este artigo tem por finalidade abordar a representação da mulher na literatura, por meio de mitos e lendas que estejam relacionados à poética de Chico Buarque. Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como Chico Buarque, é músico, dramaturgo e escritor que se tornou um ícone da cultura brasileira. De acordo com Eliade (1992), estudar o mito é de suma importância, pois é através dele que se tem a compreensão dos pensamentos humanos e da funcionalidade das sociedades arcaicas e tradicionais; a mitologia tem a função de justificar os comportamentos e as atividades humanas no espaço social desde as civilizações mais antigas. Ao estudar a história, percebemos que a figura feminina teve sua imagem marginalizada no meio onde habitou, de modo que se pode afirmar que esta representação foi embasada nos mitos de diversas naturezas, sejam pagãs, cristãs, místicas ou históricas, por exemplo. Nessa direção, Chico Buarque é um dos poucos compositores da Música Popular Brasileira que consegue tematizar a mulher e expressar seu desejo por meio de suas canções. De certo modo, essas canções trazem em si um “eu lírico” em que predomina o marginal como protagonista, colocando às claras a negatividade da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Mito e lenda. Chico Buarque e a MPB. Mulher e a criação literária. Poética e Chico Buarque.

ABSTRACT: This article aims to address the representation of women in literature through myths and legends relating to the poetics of Chico Buarque. Francisco Buarque de Hollanda, better known as Chico Buarque, is a musician, dramatist and writer who became an icon in Brazilian culture. According to Eliade (1992), studying the myth is extremely important, as it is through them that the understanding of human thoughts and the functionality of archaic and traditional societies; mythology has the function of justifying human behavior and activities in societies since the most ancient civilizations. When studying history, we realize that the female figure had its image marginalized in the environment where it lived, so it can be said that this representation was based on myths of different natures, whether pagan, Christian, mystical or historical, for example. In this direction, Chico Buarque is one of the few composers from Música Popular Brasileira who manages to thematize women and express their desire through their songs. In a way, these songs bring within themselves a “lyrical self”, where the marginal predominates as the protagonist, making society’s negativity clear.

KEYWORDS: Myth and legend. Chico Buarque and MPB. Woman and literary creation. Poetics and Chico Buarque.

1 Mestra em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade São Braz. Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT. *E-mail:* naghila.silva@unemat.br

2 Doutor em Literatura e docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – UNEMAT/ PPGEL. Orientador.

Mulheres cristãs e mulheres pagãs

Os mitos sempre existiram e, por meio das mitologias, é possível entender a história e o sentido da vida. O homem, ao longo do tempo, vem buscando alternativas para explicar sua própria existência. Para Eliade (1992), estudar o mito é de suma importância, pois é através dele que vem a compreensão dos pensamentos humanos e da funcionalidade das sociedades arcaicas e tradicionais; a mitologia tem a função de justificar os comportamentos e as atividades humanas no espaço social desde as civilizações mais antigas. Desse modo, a figura feminina teve sua imagem marginalizada no meio onde habitou, de modo que se pode afirmar que esta representação foi embasada nos mitos de diversas naturezas, sejam pagãs, cristãs, místicas ou históricas, por exemplo.

Nas sociedades antigas, por não haver escrituras para registrar os acontecimentos históricos e sociais, entende-se que as ideias conclusivas eram inventadas para dar sentido aos fenômenos culturais vivenciados. Nesse sentido, entender a criação da mulher e o seu papel na sociedade sempre causou especulações; de fato, as ideias apoiavam-se nas tradições orais que nem sempre eram bem elaboradas, a respeito das figuras femininas que foram tomadas como modelos na civilização ocidental.

Nessa direção, Eliade (1992) argumenta sobre a estrutura da sociedade tradicional, onde a habitação é sempre santificada, pois constitui um mundo proveniente da criação divina. O autor faz distinção entre os mitos que se ligam à criação do mundo: o mito sagrado e o profano. Segundo Silva (2008), essa distinção indica que o mito sagrado é construído pelo homem religioso, sendo este baseado em uma força superior que é responsável pelos destinos físicos e metafísicos. O profano se opõe ao sagrado e este se deixa construir pelos aspectos históricos, sem se apegar ao divino.

Nesse sentido, o mito sagrado habita a sociedade ocidental, onde a imagem da mulher é construída a partir das escrituras sagradas, de forma rotulada; isto é, essas imagens construídas devem seguir os exemplos propostos pelo sistema religioso, como exemplo de Eva e Maria. Em oposição, o mito profano se constrói a partir dos aspectos históricos, conforme observamos nas figuras pagãs de Lilith e Pandora.

Esse tipo de mito tem o intuito de explicar a criação da mulher a partir da perspectiva pagã, quando a mulher é representada de forma mundana. Dentre as afirmações acima, resume-se que o mito tem por objetivo revelar os modelos tradicionais a serem seguidos, isto é, o comportamento do sujeito, relações com o outro, casamento, trabalho, família, filhos etc.

Nas escrituras sagradas, especificamente o livro de Gênesis, Eva é a primeira esposa de Adão. Segundo o livro, depois que todas as coisas já haviam sido criadas no mundo, Deus fez a mulher de uma costela do homem, com o objetivo de ela ser sua companheira, pois todos os animais que habitavam o Éden tinham uma parceira, com exceção do homem. Tempo depois, essa mulher foi tentada pela serpente, e comeu o fruto proibido, desobedecendo às ordens divinas; além disso, Eva ofereceu o fruto para Adão, que por amor à sua também o comeu; desse modo, surgiu o primeiro pecado, ou seja, o pecado original, que levou toda a humanidade à perdição.

Quando Deus perguntou sobre a desobediência de ambos, Adão culpa a mulher e esta culpa a serpente e todos os três são punidos; a serpente, que segundo lendas tinha asas, rastejaria para sempre; o homem teria que trabalhar para se sustentar; a mulher e a serpente seriam inimigas para todo sempre, teria dores no parto e seria dominada pelo marido. Assim, a humanidade estava banida do Paraíso. Depois disso, Adão nomeou sua companheira, como tinha feito com toda a criação, chamando sua mulher de “Eva”, que significa “mãe de todos os viventes” - *Gênesis, cap. I a III*.

Nesse íterim, Gheerbrant (2002) afirma que o desentendimento entre Adão e Eva ocorre pelo fato de Adão rejeitar a responsabilidade do pecado, transferindo-o para Eva, o que procede da inimizade, que daí por diante, separa a alma do espírito:

O homem pecou em sua totalidade, porquanto tanto a alma quanto o espírito consentiram no pecado. Nesse pecado, portanto, o papel inicial foi representado pela alma (Eva) e autenticado pelo espírito (Adão). O tentador (a serpente) não podia dirigir-se diretamente ao espírito para assegurar sua vitória e, por isso, foi-lhe necessário atrair a alma. (GHEERBRANT, 2002, p. 410)

Numa perspectiva machista, pode-se dizer que a preferência da serpente em tentar a mulher ocorre pelo simples fato de ela não ser um ser pensante, segundo o dito comum. Servindo, assim, apenas para procriar, um ser insignificante. Nisso surge a inimizade entre homem e mulher, gerando assim a submissão do sexo feminino e o poder absoluto do homem.

Jacques Le Goff (2008) afirma que Eva fora uma criação imperfeita até ser nomeada por Adão, e que a existência da Eva/mulher só acontece em razão das necessidades de Adão/homem. Ou seja, Deus só a criou quando percebeu que o homem estava só e precisava de uma companheira. Desse modo, quando Eva é apresentada a Adão, este afirma: “Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada”. (GÊNESIS, 2:23).

Certamente, Eva fora criada com intuito de ser companheira de Adão. Antes da transgressão, observa-se que Adão dera o nome de sua parceira de “varoa”, esta seria sua mulher, antes então esta não havia sido nomeada. Percebe-se também a empolgação de Adão no ato da apresentação de ambos, pois Eva era compatível com Adão: “Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne”. (GENÊSIS 2:23).

Um dos castigos pela desobediência de Eva foi o “carma” de ser dominada por seu marido. Na 1ª carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo relata que o homem tem *autoridade* na família por ter ele sido criado antes da mulher: “O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão. Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher do varão. O que também o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher, por causa do varão”. (1CORÍNTIOS, 11-7:9).

Conforme Gheerbrant (2002), durante o sono de Adão é que Eva foi retirada de uma de suas costelas; que, segundo Santo Agostinho, esse sono seria um estado de êxtase, daí surge a crença na subordinação da mulher ao homem. Nesse sentido, o autor nos mostra que:

Num plano de interioridade, ela simboliza o elemento feminino no homem, na medida em que, segundo Orígenes, o homem interior comporta um espírito e uma alma: *diz-se que o espírito é macho, e alma pode ser denominada*

fêmea (Homilias sobre o Genesis, 4, 15). De seu mútuo entendimento nascem filhos: os pensamentos justos e os bons impulsos. (GHEERBRANT, 2002, p. 410)

Algumas teólogas feministas, como Eisler (1996), argumenta a ideia de que antes do patriarcado houve uma era matriarcal. Para a autora, o surgimento do relato sobre o pecado original fora criado com intuito de gerar o processo de “culpabilização” das mulheres para tirar-lhes o poder e estabilizar o domínio do homem sobre a mulher, surgindo assim o patriarcado. Desse modo, os ritos e os símbolos sagrados do matriarcado foram supostamente sacralizados e reavaliados pelos patriarcas, com a finalidade de extinguir os traços dos relatos femininos, em que a mulher era considerada uma figura sagrada por meio da Grande deusa. Nesse sentido, o relato do pecado original, a partir das ideias apresentadas acima, traz quatro conceitos simbólicos fundamentais do matriarcado. O primeiro conceito é o da “Mulher”, uma vez que este símbolo é o primeiro a ser perseguido, por representar na cultura matriarcal o sexo sagrado, gerador de vida; simbolizava a Grande-Mãe, mas após o pecado original é considerada uma sedutora do mal. O segundo símbolo é a “Serpente”, a qual, por sua vez, representava uma sabedoria divina. E esta sabedoria se renovava sucessivamente, como se renova a pele desse animal; por outro lado, este símbolo de sabedoria também é desconstruído devido ao pecado original. O terceiro símbolo é a “Árvore da vida”, é uns dos principais símbolos da vida, após o pecado original; fora vista como interdito, uma vez que as ordens divinas eram de não tocar e nem comer do fruto da árvore. O último símbolo é o da “Sexualidade”, a qual distorce o caráter simbólico da figura sagrada (mulher), permitindo a elevação do êxtase ao conhecimento místico, representado pela relação homem-mulher.

Portanto, para a autora, a partir do relato do pecado original invertem-se os sentidos desses símbolos. Logo, passa por uma mutação de sentidos, isto é, o que era até então considerado bênção/sagrado, passa a ser visto como maldição/desgraça.

Nessa direção, Pires (2008) afirma que Eva levou Adão a cometer o pecado original, e é culpada pelos padecimentos humanos; devido o pecado de Eva, todas as mulheres passaram a ter dores no parto e o homem precisou obter seu sustento por meio do seu próprio trabalho. Eva, portanto, foi a responsável por trazer o

pecado, a maldade para humanidade, gerou dor e sofrimento às mulheres, e, para amenizar o “carma”, Maria, a segunda Eva, foi a mulher escolhida por Deus para trazer ao mundo o filho dEle, para salvar os filhos de Adão e Eva da iniquidade e da maldição que reina sobre a terra.

Virgem Maria, mesmo depois do parto, e com o casamento com José, permanece virgem nas sociedades ocidentais e no imaginário de alguns fiéis. Ainda remetendo às escrituras sagradas, no evangelho de São Marcos, afirma-se que Maria, após dar à luz o menino Jesus, tornou-se de fato mulher de José, e teve outros filhos: Chegaram, então, seus irmãos e sua mãe e estando lá fora, mandaram-no chamar (Jesus). “E a multidão estava assentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram e está lá fora”. (MARCOS 3:31-32).

Na sociedade tradicional, Maria é o modelo de mãe e mulher. Por ser virgem e pura, passa pela maternidade sem conjugação carnal; a maternidade é algo divino, sagrado. Já para Eva, a maternidade foi um castigo por sua transgressão, o castigo da dor do parto que sobreveio às mulheres. Percebe-se que, através do castigo de Eva, vem a honra de Maria e a remissão dos pecados não só da humanidade como de todas as mulheres.

Como se sabe, o mito revela modelos a serem seguidos; no ocidente, o sagrado predomina, tanto que o modelo feminino de Maria é complementar ao de Eva, uma vez que Eva seria o exemplo de boa esposa, companheira e submissa, tipo de mulher que o marido domina, e Maria é o modelo de mãe ideal, casando-se, sendo mãe sem manter o ato sexual.

No entanto, na mitologia hebraica, Lilith é a primeira esposa de Adão, que se transformou na serpente que levou Eva a cair em tentação. Desde sua criação, essa personagem mostra suas ambições e sua sensualidade. Segundo essa mitologia, Lilith, ao contrário de Eva, é apresentada para Adão coberta de sangue e saliva. Para a psicóloga Cátia Rodrigues, essa forma de apresentação tem o seguinte sentido:

O sangue sugere a menstruação, uma característica carnal e instintiva da mulher, além da ausência de pudor e tabus de Lilith, que se apresenta livremente ao homem, disposta também à experiência sexual no ciclo menstrual. A saliva

reforça o caráter sexual simbólico, remetendo a uma ideia de secreções eróticas. Deste modo, fica evidente a condição sensual e libertada dos preconceitos dentro do universo simbólico feminino em Lilith; é essa atuação sexual que leva o homem ao êxtase e fora do controle sobre si mesmo, o que amedronta o universo simbólico masculino expressado em Adão: por isto, ele se afasta e busca uma companheira adequada – ou seja, submissa, obediente, que se sinta inferior. (RODRIGUES, 2007, p. 05)

Para Rodrigues (2007), a saliva representa o desejo sexual expressado na figura de Lilith. Entende-se que esta é uma mulher “pronta” para qualquer ocasião, isto é, disponível para o homem, e disposta a levar prazer a ele; homem este que tem sua mulher de resguarde no ciclo menstrual; momento em que, na maioria das vezes, elas optam por paralisar o ato. Portanto, Lilith representa a amante/prostituta, sempre pronta, mesmo se estiver menstruada.

Ainda na mitologia hebraica, Lilith fora criada com sujeiras e impurezas, e, nas relações sexuais com Adão, ela se mostrava inconformada com o fato de ficar na posição inferior, ou seja, embaixo do homem; sempre questionava o porquê de ela permanecer sempre naquela posição e não aceitava a dominação. Desse modo, Adão se recusou a inverter as posições, pois ele estava “consciente que existia uma ordem que não poderia ser transgredida” (PIRES, 2008). Assim, Lilith deveria submeter-se a ele, pois esta era a condição estabelecida. A mulher, percebendo que seria submissa e dominada pelo homem, não aceitou a condição, de modo que se revoltou contra Adão e Deus e, conseqüentemente, foi expulsa do paraíso, refugiando-se para o Mar Vermelho, indo morar com os demônios.

Observa-se que talvez Adão não amasse Lilith, e nem estava contente com a criação divina, visto que ele não aceitou suas condições. Com Eva foi diferente, pois este come o fruto oferecido por ela, mesmo consciente que era uma lei que não poderia ser transgredida. Talvez haja uma contradição entre a história sagrada de Eva e o mito profano de Lilith. Ao ver Eva, pelas palavras de Adão, nota-se certa empolgação, ambos se tornam uma só carne. Adão não pensa duas vezes antes de transgredir a lei, seu amor por Eva foi maior que sua obediência a Deus; já com Lilith não há essa empolgação, nem disposição para saciar as suas vontades.

Na contemporaneidade, Lilith representa a mulher independente. Vemos que a independência de Lilith era o maior dos seus orgulhos, pois ao deixar Adão e o paraíso em troca de sua liberdade, apesar do preço de se tornar um demônio, nota-se que esta se sentiu feliz pela escolha. E é essa mulher, cheia de si, independente, segundo Rodrigues, que amedronta o homem; é a mulher independente, que não aceita a dominação masculina. Na atualidade, existem homens que saem em busca desta mulher obediente e submissa, que seria o modelo Eva, rotulado pela sociedade patriarcal.

Com base no que foi dito, segundo Gomes e Almeida (2007), a sexualidade manifestada em Lilith não condiz com a imagem que as sociedades ocidentais têm das mães e esposas:

As consequências da repressão da sexualidade de Lilith são entre outras a dissociação entre a maternidade e a sexualidade, o duplo padrão de moral e o controle da sexualidade masculina. Tal dissociação criou a figura da esposa dissociada da imagem da mulher, o que significa que o homem ocidental não consegue identificar a esposa e a amante numa mesma mulher, recorrendo ao duplo padrão de moral para realizar seus desejos sexuais. O que se observa frequentemente é que ele mantém a esposa em casa para lhe dar filhos e a amante para lhe dar prazer. (GOMES; ALMEIDA, 2007, p. 16)

Ou seja, os autores afirmam que a imagem da mulher/esposa é vista apenas para gerar filhos, e não para dar prazer ao seu marido, pois o homem não poderia ver sua esposa como uma mulher capaz de lhe dar prazer. Gomes e Almeida (ibidem) ainda dizem que isso se dá pela dissociação que a sociedade ocidental criou entre esposa *versus* mulher; isto é, a esposa é a figura de Maria, que representa a mãe pura, Eva seria a boa esposa e Lilith, a *outra*, procurada pelos homens, porque nela encontrariam a satisfação sexual. Pode-se dizer que Lilith representa o tipo de mulher capaz de dominar o homem e fazer com que ele se esqueça de suas responsabilidades com a esposa, filhos, trabalhos etc.; levando o homem a romper relações sociais e até mesmo com Deus, levando-o a desgraça.

Pode-se afirmar, portanto, que Lilith é um mito recriado para desacreditar a imagem feminina, valorizada e exaltada na religião antiga, o que nos faz

lembrar o mito da Grande deusa/Mãe. Sua rebeldia impedia o convívio com a humanidade. Com a punição de Eva, a mulher e a serpente seriam para sempre inimigas. Lilith sendo a amante e Eva a boa esposa, tornando-se, assim, rivais. Na contemporaneidade, essa rivalidade está presente, no caso, a guerra em que vivem as casadas com as amantes de seus maridos. Por fim, na mitologia hebraica, Lilith é responsável pela desunião das famílias, sendo projetada como uma amante sedutora que tira e rouba o marido da esposa.

Na mitologia grega, Zeus (líder dos deuses e das deusas) é responsável pela existência das coisas boas e das coisas más; portanto, assim como o Deus judaico-cristão, ele também é responsável pelo destino do homem. A criação de Pandora é o resultado do desejo de Zeus em punir a humanidade. Segundo o mito, quando foi feito o primeiro sacrifício aos deuses, o titã Prometeu enganou Zeus e fez com que ele aceitasse a porção inferior dos sacrifícios dos animais, e reservou as partes comestíveis para os humanos. Zeus irou-se e, para se vingar, retirou o fogo dos mortais.

Novamente Prometeu engana Zeus e rouba o fogo do céu e dá aos humanos e ensina as técnicas para acendê-lo e mantê-lo. Para compensar sua ira, Zeus finalmente decide dar aos homens seu próprio presente, um presente do mal, que tinha a intenção de destruir o bem que Prometeu tinha dado aos homens. Esse presente que se chama Pandora (a que possui todos os dons) seria, então, a primeira mulher, “presente do mal”, que Zeus enviaria ao mundo.

Segundo Silva (2008), Pandora é uma mortal dotada de todas as perfeições, onde até os deuses ficaram admirados com a nova criatura. Eva, por ter o amor de Adão, este mesmo amor o conduziu ao erro. As escrituras sagradas não afirmam se Eva era dotada de certa beleza, mas podemos perceber que o amor cego de Adão o levou ao pecado. Pela mitologia grega temos outro ponto de vista, em que a beleza cega os homens e Zeus, sabendo do ponto fraco que levaria a humanidade à perdição, “inventou” a mulher.

Zeus entregou uma caixa bem fechada e ordenou que Pandora levasse como presente a Prometeu, mas ele não aceitou suspeitando que não pudesse ser algo bom. Prometeu aconselhou seu irmão Epimeteu que também não aceitasse nada vindo de Zeus. Entretanto, Epimeteu (aquele que pensa tarde demais), “ficou encantado com a beleza de Pandora e a tomou como esposa” (SILVA, 2009, p. 32).

Pandora não consegue se conter e, movida por sua curiosidade, abre a caixa e de lá escaparam a doença, a inveja, a paixão, o vício, a praga, a fome e outros males que se espalharam pelo mundo, tornando miserável a existência dos homens a partir de então. Ao perceber o deslize dado por Pandora, Epimeteu tentou fechar a caixa, mas só restou dentro dela a esperança. O senso comum costuma afirmar que a curiosidade é uma característica inata da mulher, isto é, talvez no ato da criação de Pandora essa pitada de curiosidade já havia sido planejada, sabendo que outra afirmação dada pelo senso comum é a de que “a curiosidade matou o gato”. Ao abrir a caixa, Pandora trouxe as pragas não só para a humanidade, mas também o “carma” para todas as mulheres, trazendo consigo a responsabilidade de trazer as coisas ruins ao mundo; entende-se que até então nada disso existia, somente a ganância dos mortais em querer ser igual aos deuses.

Nessa perspectiva, nota-se que Pandora representa, na contemporaneidade, a mulher do engano, isto é, aquela que é atraente e bonita apenas por fora, que parece ser algo bom, entretanto esconde coisas ruins dentro si. O mito reforça a ideia de que se o homem convive com mulheres ou não, é por causa delas que eles encontrarão o mal, pois ela é a responsável pela entrada do mal no mundo.

A curiosidade de Pandora é outro fator do senso comum, de que toda mulher é movida pela curiosidade e essa característica inerente veio tanto em Eva pelo desejo de provar a maçã, em Lilith de enfrentar os desafios tendo a curiosidade de provar o gosto da liberdade, quanto de Pandora em abrir a caixa saciada pela curiosidade em saber o que teria dentro dela. Podemos afirmar que Eva, Maria, Lilith e Pandora são criações do imaginário coletivo que traçam a história da humanidade, e, principalmente, nos fazem entender o percurso que a representação da mulher teve na história da humanidade ao longo dos séculos, principalmente no ocidente, por um viés que trilhou o mitológico e o religioso.

Histórias das mulheres do Brasil: a sociedade política

Simone de Beauvoir (1970) afirma que o lugar da mulher na sociedade sempre foram os homens que estabeleceram, decidindo em qual posição elas deveriam permanecer, em nenhuma época do passado ela impôs sua própria lei. Como aponta Beauvoir (1970):

Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada pelo céu e proveitosa na terra. As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentar nas lendas de Eva e Pandora, puseram filosofia e teologia a serviço de seus desígnios. (BEAUVOIR, 1970, p. 16)

De fato, apoiando-se nas lendas e nas histórias mal interpretadas das figuras femininas que delinearão, de certa forma, o destino da humanidade, acabou-se por criar leis que favoreceram o sexo masculino, e desfavoreciam o feminino, fortalecendo o sistema patriarcal e, mais tarde, refletindo-se nas sociedades ocidentais. Segundo Pires (2008) apud Pagels (1992), o mito da criação exerce uma enorme influência sobre a cultura ocidental, mesmo para aqueles que o consideram apenas literatura. O mito também influencia os não-cristãos, que vivem numa cultura moldada indelevelmente por interpretações preestabelecidas. Desse modo, o mito da criação bíblica, assim como mitos de outras origens, transmitem valores sociais e culturais, apresentados universalmente como válidos ou verdadeiros.

No Brasil, no período colonial – lembrando que o Brasil fora colonizado por ocidentais – era exigida das mulheres a submissão, obediência, decência e a docilidade; essas exigências levaram à formação de um estereótipo que relegava o sexo feminino à esfera do lar, onde sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido, e sendo sempre totalmente inferior ao outro sexo. Os poderes absolutos eram designados ao homem, chefe e senhor da família na sociedade patriarcal brasileira. As mulheres eram obrigadas a ficar reclusas em seu lar, junto aos cativos, e quando saía era somente acompanhada, além de tolerar as relações extramatrimoniais dos maridos com as escravizadas.

No período colonial, as mulheres no/do Brasil não tiveram espaço para expressar seus pensamentos, pois o controle exercido pelos homens atingia todos os campos de suas vidas, elas eram controladas dentro de casa desde a infância. Este controle tinha caráter ideológico mantido pelos ideais de recato, respeito, humildade; esses modelos eram inspirados pelas figuras de Maria e Eva. A falta de instrução contribuía e muito, e quando se casavam, o marido manteria o controle sobre sua vida, que antes era do pai ou dos irmãos.

Já em meados do século XIX, as mulheres já podiam transitar pelas ruas das cidades a fazer compras, passeios ou até mesmo trabalhar. Na mesma época, algumas mulheres lutaram para ampliar seu papel na sociedade, visto que o patriarcalismo e sua disciplina rígida ainda as excluía do cenário social.

As primeiras manifestações feministas ocorreram no final do século XIX, quando, nesse momento, as mulheres não estavam ligadas a grupos homogêneos; com isso, as primeiras reivindicações não tiveram progresso, embora tenha sido uma contribuição muito significativa para as lutas e conquistas futuras.

Na década de 1960, inspiradas nos primeiros movimentos sufragistas, surgiram as feministas que ansiavam pela sua inserção nos assuntos da esfera privada e política. Estas reivindicavam a quebra da dicotomia entre o público e o privado. Na década de 1970, a opressão sofrida pelas mulheres fez crescer a luta sobre o papel da mulher na sociedade, contestando a submissão feminina em relação à dominação masculina e o desejo da igualdade entre os sexos, a fim de acabar com a relação de poder entre macho e fêmea.

A maioria dessas mulheres era participante da luta armada, pertencia aos movimentos estudantis, à nova esquerda e aos grupos organizados pela Igreja Católica (que teve um papel fundamental em defender os valores feministas, contrariando aqueles que se apoiavam na religião para justificar a dominação exercida sobre a mulher); enfrentou-se, portanto, a discriminação por parte do domínio da política masculina, da Igreja progressiva e do Estado de bases patriarcais, capitalistas e racistas, pois, um dos motivos das reivindicações seria o engajamento de resistência contra a ditadura militar. De certa forma, isso modificou o cenário social, uma vez que se tornaram válidos os direitos da mulher, e as formas organizacionais favoreceram a sua participação em setores populares.

A partir de 1975, o movimento feminista ganhou uma proporção mundial, pois é o Ano Internacional da Mulher, que foi organizado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Isso provocou um choque por parte daqueles que privilegiavam o sistema patriarcal. Depois disso, várias atividades feministas começaram a surgir em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, tendo em vista que esses encontros foram pontos de partida para a criação de grupos de estudos feministas, clubes das mães, trazendo à tona discussões e reflexões sobre diversos assuntos, como: casamento, família, divórcio, filhos

etc. No mesmo ano, o feminismo chegou à televisão, tratando de temas como: sexualidade, anticoncepcional e violência doméstica. Até na tevê o feminismo passa por transformações.

Em 1977, a instituição do divórcio permitia a separação entre os casados, permitindo aos divorciados se casarem novamente. Essas mudanças valorizavam o novo cenário da nova configuração familiar, oportunizando as brasileiras a lutar contra a opressão masculina e amenizar os preconceitos sociais sofridos pelas divorciadas e recasados. No entanto, o movimento feminista ansiava pela reforma social, com o intuito de romper a relação entre o público e o privado. Temas como prostituição, homossexualidade e mercado de trabalho também foram abordados durante o movimento.

Neste período, as mulheres tiveram espaço para uma maior ação política em contraposição ao imaginário social que as via como despolitizadas, apolíticas e amadoras. O movimento das mulheres trouxe uma nova versão da mulher brasileira, que foi às ruas em defesa de seus direitos e das suas necessidades, por meio de grandes manifestações que denunciavam as desigualdades vivenciadas por elas.

Ao fim da década de 1970, inicia-se uma série de estudos relacionados ao tema feminino, pois os estudiosos afirmavam que a história da mulher valeria a pena ser contada, pesquisada, valorizada e recontada. Na poesia, na prosa e na música, o feminino é cada vez mais apreciado. Na literatura, diversos autores, segundo Carvalho (1982), tentaram descrever o sentimento e a alma feminina, mas é nas canções de Chico Buarque de Hollanda que encontramos a mulher e o seu desejo, expressado em uma poética do feminino.

A mulher na criação literária: a poética

Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como *Chico Buarque*, é um dos poucos músicos da Música Popular Brasileira que consegue tematizar a mulher e expressar seu desejo por meio de suas canções. De certo modo, essas canções trazem em si o “eu lírico”, onde predomina o marginal como protagonista, colocando às claras a negatividade da sociedade. Suas composições tornam-se, por força dessa escolha, a “oportunidade para um exercício de crítica social”

(MENESES, 2001, p. 41), mostrando a verdadeira realidade do cotidiano, através da lírica.

O discurso de Chico Buarque dá voz àqueles que em geral não têm voz; assim, o feminino é considerado uma marginalidade social e, atrelado com esta temática, Chico, por meio de suas composições, faz emergir a voz da mulher, o que nos faz lembrar a tradição grega do *dionisiaco*, na qual ressalta a figura da mulher. Segundo Carvalho (1982), cantar o feminino é o traço poético mais importante de Chico Buarque, e que poucos artistas souberam traduzir tão bem, por meio do canto, o sentimento feminino quanto o próprio Chico.

Sua primeira canção, contendo a característica feminina, foi “Com açúcar e com afeto”, mas Chico não veio a incluir esta música em seu LP, pois afirmou em entrevista que não cantou porque “naquele tempo ficava esquisito um homem cantar o feminino, tinha medo de ser chamado de bicha, pois estava entrando no meio artístico aquele preconceito, iriam achar que ele era homossexual” (CARVALHO, 1982, p. 29); sem coragem de interpretar a música, Chico fez com que a música fosse interpretada por uma cantora.

Naquele tempo, Ari Barroso, compositor da música “Camisa Amarela”, foi um dos pioneiros em cantar uma canção com o eu lírico feminino. Ao escutar essas músicas, Chico perde de uma vez por todas o receio de cantar expressando o sentimento feminino, de modo que ele mesmo passou a cantar suas próprias composições, apresentando à MPB essa grandeza poética.

Mas qual é a explicação de Chico Buarque ter essa característica de demonstrar em suas músicas o desejo feminino? Em entrevista, Chico responde à curiosidade de muitos:

Deve ser isto, em casa, vivo com mulheres, a Marieta, minhas filhas, Luísa, Helena e Sílvia, as amigas delas, as empregadas, até os bichos são cadelas, então eu acho que vou aprendendo”, - diz ele em tom de brincadeira. E continua: “Segundo um espírita eu fui mulher em outra encarnação”. (CARVALHO, 1982, p. 34)

Buarque diz que não se empenha em ficar analisando o processo de saber de onde vem essa característica, embora uns digam que ele tenha sido mulher em outra encarnação, ou pelo fato de ele ser do signo de gêmeos. Para ele, isso não

importa, mas afirma que gosta desse mistério. Carvalho (1982) não se contentou com tal afirmação e acredita que essa explicação é fundamentada na noção de “anima”, que por causa desse “anima” Chico consegue expressar o que está dentro de si para fora, em suas canções. Carvalho (1982) *apud* Hall e Linddzey (1969) explica, de forma sucinta, a noção de “anima” no nível textual:

O homem é essencialmente um animal bissexual. E no plano fisiológico, o macho e a fêmea produzem ambos os hormônios sexuais masculinos e femininos. No plano psicológico, encontram-se em ambos os sexos características masculinas e femininas. A homossexualidade é apenas uma das condições, talvez a mais óbvia de todas, que deu origem à concepção da bissexualidade humana. Jung atribuiu a arquétipos o lado feminino da personalidade do homem e o lado masculino da personalidade da mulher. O arquétipo feminino no homem é chamado ‘anima’, o arquétipo masculino na mulher, ‘animus’. Esses arquétipos, embora possam ser condicionados pelos cromossomos e glândulas sexuais, são o produto de experiências raciais do homem com a mulher, e da mulher com o homem. Em outras palavras, vivendo com mulheres, através do tempo, o homem adquiriu características femininas; vivenciando com o homem a mulher tornou-se masculinizada. O homem aprende a natureza da mulher em virtude de sua ‘anima’ e a mulher, a natureza masculina em virtude de seu ‘animus’. (p. 102)

Nessa perspectiva, Chico Buarque estaria praticando e exercitando seu “anima” ao compor canções com sentimentos feministas, pois, segundo a teoria, a convivência com mulheres fez com que “Chico” despertasse tais características em sua vida artística com belas criações. Para Carvalho (1982) *apud* Rivière (1970), a despeito do fato de Chico Buarque ser um artista, além de um criador, a verdade é que o seu dom facilita as coisas. Para o autor, os desejos dos homens pelas funções femininas aparecem abertamente em escritores que imaginam gerar suas obras como uma mulher, ou seja, em trabalho de parto, após sua gravidez. Independentemente da área, grande parte dos artistas trabalharam somente a personalidade da mulher, isto ocorre “porque as obras de arte são essencialmente formadas e criadas dentro da mente de quem as produz, pouco ou nada dependendo de circunstâncias externas” (CARVALHO, 1982 *apud* RIVIÈRE, 1970).

Desse modo, percebemos o diferencial que está nas composições de Chico Buarque, pois por diversas vezes o autor se ausentou do meio artístico. Em entrevista, ele afirma que se trancou num quarto durante nove meses para parir a obra *Fazenda Modelo* (1974). Vimos que Chico tornou explicitamente válidas as afirmações de Riviére, ele expressou isso de forma inconsciente, e é este sentimento de gestação que está em um verdadeiro artista. Em virtude dos fatos mencionados, Chico Buarque de Hollanda procura escrever além do que está em sua mente, pesquisando, analisando e valorizando as circunstâncias externas para expressar não só a personalidade feminina, mas pensar o desejo, o sentimento. O sujeito do discurso é a mulher, a voz da vez é para ela, a mulher é quem fala.

Referências

AGUIAR, Joaquim. *A poesia da canção*. São Paulo: Scipione, 1993.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: *Histórias das Mulheres no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo: Fatos e Mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BETTO, Frei. Chico, silêncio e palavra. In: *Chico Buarque do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista corrigida. Ed. 1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

BRUNEL, Pierre. *Dicionários de mitos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanos Publicações, 1996.

CARVALHO, Gilberto de. *Chico Buarque: Análise poético-musical*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

EISLER, Riane. *O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo*. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GHEERBRANT, Jean Chevalier Alain. *Dicionários de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

GOMES, Antonio Maspoli de Araújo; ALMEIDA, Vanessa Ponstinnicoff de. O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea. In: *Âncora – Revista digital de estudos em religião*. Ano II, Vol. II, Junho 2007.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSP, 2005.

MENESES, Adélia Bezerra. *Figuras do Feminino na canção de Chico Buarque*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ORTOLAN, Leandro Henrique. *O que não tem limite: o erotismo na poesia de Chico Buarque de Hollanda*. 2007. 181 f. Dissertação em Teoria Literária, Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, 2007.

PIRES, Valéria Fabrizi. *Lilith e Eva: imagens arquetípicas da mulher na atualidade*. São Paulo: Summus, 2008.

REI, Claudio Artur de Oliveira. *A herança estilística das cantigas de amigo na lírica de Chico Buarque*. 2007. 224 f. Tese em Língua Portuguesa, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo. In: *Ética, religião e expressão artística*. Anais do III Congresso Internacional de Ética e Cidadania. 2007.

SILVA, Agnaldo Rodrigues. *Projeção de Mitos e Construção Histórica no Teatro Trágico: Gota D'água e os Degraus*. Campinas: Editora RG, 2008.

WERNECK, Humberto. *Chico Buarque, letra e música*. São Paulo: Schwarcz, 2004.

O conteúdo deste texto é de total responsabilidade de seus autores.